

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

A GRANDE ACTRIZ PALMIRA BASTOS, A QUEM OS ARTISTAS PORTUGUESES PRESTARAM, HA DIAS, UMA EXPRESSIVA HOMENAGEM.



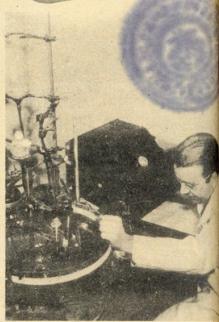
FOTO SILVA NOGUEIRA

ANO V

PREÇO AVULSO 1\$80 / 22 DE NOVEMBRO DE 1945 N.º 236



O leitor sabe para que serve
uma mesa de «ping-pong»?
Sabe? Pois é isso mesmo, a-
centou! Serve para dançar!



O Dr. C. Cornuthers, celebre pelos seus estudos sobre o cancro

ST. LOUIS

UMA CIDADE AMERICANA
ONDE A CIÊNCIA TRABALHA
PARA TODO O MUNDO

A cidade de St. Louis, no Estado norte-americano de Missouri, transformou-se nos últimos tempos, num dos principais centros médicos dos Estados-Unidos.

As atenções do mundo voltaram-se para aquela bela cidade do médio-este, quando o Prémio Nobel da Medicina foi concedido a professores das suas duas escolas médicas. Em 1943, foi premiado o Dr. Edward A. Day, professor de Bioquímica da Escola Médica da Universidade de St. Louis, que identifica a vitamina da coagulação do sangue; no seguinte, coube essa distinção ao Dr. Joseph Erlanger, professor de Fisiologia da «Washington University», pelos seus estudos das diferentes funções das fibras nervosas, estudo realizado em cooperação com o Dr. Herbert S. Gasser.

O reitor da «Washington University» é o Dr. Arthur H. Compton, vencedor do Prémio Nobel da Física em 1927, e a Escola Médica de St. Louis é dirigida pelo Dr. Alphonse V. Schwitalla, figura destacada nos meios pedagógicos americanos.

As fotografias mostram a obra realizada pelas duas escolas médicas da cidade de St. Louis, bem como pelas várias instituições e hospitais a ela ligados. St. Louis é hoje um grande centro de investigação científica, ao qual correm estudantes e cientistas de todos os Estados-Unidos e de todo o estrangeiro.

PRIMEIRA COLUNA

Natal de Paz

POR ANÍBAL NAZARÉ

ESTAMOS a pouco tempo do Natal — o primeiro Natal de Paz depois que a segunda Grande Guerra transformou muitos países num montão de destroços, por obra do Homem.

Vem aí o primeiro Natal de Paz — e já se fala em nova guerra, e ainda se combate em várias partes da terra — que a Humanidade parece disposta a destruír-se quando tudo indicaria uma obra única de reconstrução e carinho.

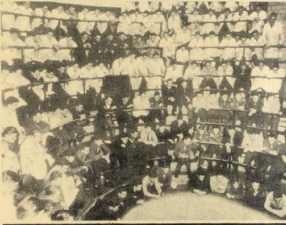
A HUNRA, benemérita instituição que pretende salvar a Europa da fome, avisa o mundo de que está à beira da bancarrota; o inverno está aí, por enquanto ainda hesitante e indeciso, mas a preparar-se para ser impiedoso e cruel. E, entretanto, em vários pontos da terra continua a luta.

Os jornais noticiam que voltaram os bombardeamentos aéreos; mobilizam-se mais divisões! Há guerra civil num país, luta pela delimitação duma linha de fronteira, noutro; revoluções pela posse do poder num terceiro.

E verifica-se, com espanto, que o mundo parece não estar farto da guerra. E passasse ao ver que o primeiro Natal da Paz, que se avizinha, vai encontrar armas de guerra penduradas na árvore de Natal desta eterna criança que é o Homem!



No hospital Barnes, de St. Louis



Os estudantes assistem a uma demonstração no anfiteatro do Hospital DeLoage

**VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA**

DIRECTOR:
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR:
PEDROSA MARTINS
PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"
EDITORA, LIMITADA

**MENINOS
QUE NÃO VÃO À ESCOLA**

POR HORTENSE DE ALMEIDA

VELHO-A quasi todos os dias à minha porta. É uma garota franzininha, de olhos castanhos a gritarem esperteza. Tem uns escassos onze anos e chama-se Maria. Pois sabem? Maria, a pequena vendadeira, é a mãe (mãe pelos cuidados e pelos trabalhos) de um número sem fim de irmãozitos, o último dos quais nasceu há dias.

Manhã mal despertada, os pais lá vão caminho da Ribeira e a pequena fica, portas adentro, a tratar do arranjo dos irmãos, da lida da casa e do almoço para todos.

Quando a mãe chega cabe a vez da venda à Maria, e é vê-la depois na rua: galata, experta, saltitante com os olhos marfatos sempre em busca das fendas das policcias.

As vezes traz uma das irmãs mais novas pela sala. Então é um nuca acabar de exclamações: — Anda para aqui, Rosa! Não mexas aí, Rosa! Onda a carruagem lá do coito!

E lá vai ela, rua acima, cesto à cabeça e a Rosa encarruchada à lharga como os filhos dos ciganos.

Mãe... Maria, a pequena vendadeira, nunca foi à escola! Nunca teve o prazer de abrir um livro e nunca teve as gravuras coloridas que são o encanto dos miúdos; nunca teve o prazer de sentir na sua uma mão a ensinar-lhe a escrever.

Pobre Maria, tão cedo com um fardo tão pesado aos ombros!

Pobre Maria que nunca foi criança sem sempre mulher e mãe!

Pobre Maria sem tempo para aprender o ABC.

Sempre que a vejo olho-a com admiração e carinho e penso no que diria a Maria se eu dia, mesmo um dia só, ela pudesse ser criança.

O que diria a Maria?

Poder saltar sem o cesto à cabeça, sem os irmãos à lharga, sem o péso obscuro da vida sobre os ombros zitos debeis. Poder ser como as

outras meninas de onze anos sem responsabilidades e sem trabalhos.

Ah! Maria se pudesses um dia ser criança, o que dirias tu?

Vê lá! Ter de manhá umas mãos que te lavassem, que te fizessem um pentado bonito, que te vestissem com um bibeito branco e te levassem à escola!

Chegada lá entrares na sala, aprendes as letras, fazeres desenhos num caderno branco, ensalares as mãos no bordadinho de um lenço e, ao recreio, brincareres, dançares, pulares com as outras meninas da tua idade que são crianças e vão à escola.

Que bom, Maria, não era?

Depois, o almoço! Um bifezinho com manteiga, guardado com mimo para ti. Dois ovos estrelados, daqueles muito coradinhos, que parecem pintados a lápis encarnado. Queijo fiamengo, fruta e bôlos. Daqueles bôlos lolrinhos...

—...? Sim! Lolrinhos como a cabeça da Rosália! Mal acabado o almoço, o repouso de uma hora com a avó à cabeceira a contar histórias de príncipes e de cavaleiros valentes. A seguir, a cópia bem feita para a senhora professora não ralarhar. E, finda a cópia, um grande passeio na companhia da Rosita, do José, da Franceлина... (que sei eu?) de todos os teus irmãos.

Que bela tarde! Sol, muito sol, e vocês todos a saltarem como gamozitos em liberdade.

Claro, às cinco horas o lanche. Queijo, fruta, bôlos, e... mais corridas, mais saltos, mais brincadeiras. As sete o jantar, e... vamos, nesse dia, uma fita colorida no cinema do balatro, que... a menina já tem onze anos.

Vê, Maria! O que para as outras meninas é tão natural, tão banal mesmo, por vezes tão aborrecido.

(Continua na pag. 16)



Curley, o «diplomado», junto ao seu feliz dono, Bruny Dewey



O exame de «saber-se senhor no devido lugar»

Transportando um pedaço de madeira, Curley sujeita-se à «terrible prova» de obstáculos.

Contra o analfabetismo canino
UM CÃO DE TALENTO

As escolas de treino para cães nos Estados-Unidos são muito populares. Aqui vemos o exame final a um curso de 17 cães.

As «disciplinas» são as seguintes: andar em pé; sentar-se só nas patas traseiras; responder ao chamamento dos donos; só ladrar quando é preciso; saber guardar a casa, etc.

O melhor classificado este ano foi Curley, um espaniel irlandês, que entre aplausos recebeu o seu diploma de «doutor em habilidades caninas»!

Os donos seguram os diplomas dos seus cachorros e «posam», orgulhosos, para a posteridade.



Vejam que original foto de banho arranhou o tenente de exercito americano Don Early, em serviço na zona de ocupação dos Estados-Unidos na Alemanha: com duas bandeiras alemãs, uma da cruz de ferros e outra da cruz gamada!

A LIGA CINEMATOGRAFICA DAS NAÇÕES UNIDAS

Seria do deserto, Gene Tierney encarna nesta imagem, todo o mistério e feitiço das donzelas planuras, porovadas em aduar, que levam, de aduar em aduar, os seus estranhos costumes e ritos primitivos. Gene Tierney, flor de carne, é bem o simbolo daquelas mulheres cuja beleza escoldo o cérebro e o coração dos homens e que provocam tempestades de paixões, mais perigosas de que o próprio esizomuns».

A O mesmo tempo que o major Charles Bell anuncia, em Dublin, o cinema em relevo para 1950, no momento em que a França recita o «fóol dos horistas», agora com Kelly no protagonista; e que o VI Congresso do Filme Científico conclue em Paris os seus trabalhos — chega, até nós, outra nova igualmente inesperada e surpreendente: a fundação em Hollywood da Liga Cinematográfica das Nações Unidas.

Para sermos mais fiéis, não se trata ainda da fundação do novo organismo, mas apenas do lançamento das bases que o irão reger, e que consistem essencialmente no agrupamento das indústrias do filme dos Estados-Unidos, Grã-Bretanha, Rússia, França e dos restantes países signatários da «carta de S. Francisco». A principal finalidade seria a de «promover a unificação e o controle internacional da produção de todo o mundo, de forma a melhorar as relações entre os povos».

A América é, não há dúvida, a pátria das idéias generosas para o bom entendimento da humanidade sofredora e escravada. A despeito do malogro dos famosos onze pontos de Wilson, da Carta do Atlântico, da Conferência de S. Francisco e da reunião de Potsdam, por divergências verificadas, ora em aspectos basilares, ora em questões de pormenor — a América não desanima na sua cruzada. Poderá dizer-se que há, por vezes, um pouco de ingenuidade nas soluções propostas, mas não se pode negar que por detrás delas palpita um louvável impulso de sinceridade e idealismo. A Europa, infelizmente, nem sempre está apta a compreender e sentir a voz saudável e moça de além Atlântico. No Velho Continente fermentam ainda as paixões que o dilaceraram. A Europa divide-se hoje em muitos compartimentos estanques, de ordem étnica, política e ideológica. Campo de batalha de duas guerras cruentas, o velho mundo, azedo e corroído de mazelas, acolhe com ceticismo tudo o que se refere às campanhas de «bom entendimento» e de «boa vontade». Não porque não deseje a Paz e a concórdia, mas porque sente que os eslogans não bastam para resolver o mundo transcendente dos seus problemas, que ferriham e a agitam cada vez mais.

O panorama que se lhe oferece, não é de molde a encorajar o optimismo. Perspectivas negras de fome e de peste, questões latentes entre povos vizinhos, lutas por imperialismos económicos, «esferas e zonas de influência e a «muralla de aço» de que falou Churchill — são barreiras intransponíveis no momento actual.

No capítulo cinematográfico as perspectivas não são mais animadoras: a Rússia mantém-se fechada aos filmes americanos; a Checo-Eslavaquia nacionalizou a indústria e nomeou um delegado para seleccionar os filmes «made in Hollywood», que serão importados em regime de contingente; a Inglaterra propõe-se concorrer com a América no campo cinematográfico; a França discute com Harold Smith os problemas da importação e propõe ao delegado da «Motion Picture Production and Distributions of América», o seguinte «modus vivendi»: 55 % dos filmes exibidos nos cinemas franceses serão nacionais, 45 % serão estrangeiros.

Sobre as telas do mundo inteiro trava-se a batalha dos interesses comerciais, a que os povos ligam a maior atenção, uns porque vêem no problema raízes profundas de ordem económica, outros porque pretendem salvaguardar o património espiritual.

(Continua na página 16)

CINEMA PORTUGUÊS NOTÍCIAS E... BOATOS

* As filmagens de «Cais do Sodré» começarão logo que cheguem a Lisboa Ana Maria Campoy e Alfredo Mayo.

* Segundo parece, o galês espanhol está ainda preso a um contrato com determinado estúdio do seu país.

* Oscar Acúrcio, na aludida produção, fará o papel dum moço de taberna, cujo dono será desempenhado por Vasco Santana.

* O actor António Vilar, logo que conclua o «Trinca-Fortes» seguirá para Espanha.

* Artur Duarte iniciará, dentro em breve, um dos três filmes previstos no seu programa de trabalho: «Grande Prémio», «O Hóspede do Quarto 13» e «Aio Madrid, daqui Lisboa», o último segundo argumento original de João Bastos.

* «Sonho de Amor», de Carlos Porfírio, encontra-se na fase final da montagem. Segundo se afirma, as pessoas que assantram à exhibição privada ficaram muito bem impressionadas com o que viram.

* As filmagens de «O Trinca-Fortes» não estarão concluídas antes de meados de Dezembro. Não mostrar-se nos estúdios da Companhia Portuguesa de Filmes os cenários que exigem «transparência», visto ser aquêle o único estúdio nacional que dispõe da aparelhagem respectiva.

* «O Trinca-Fortes» foi até agora o único filme português cujas tomadas de vista se fizeram em dois estúdios.

* Continua anunciada, para muito breve, a estrela de «O José do Teilhado», de Armando Miranda.

* Santos Mendes espera começar em Dezembro o seu próximo filme, «Matinée às quatro».

Uma inocena fúria: Louise Albritton e Robert Paige, se não estão doidinhos um pelo outro, têm que concordar, lástima, que imitam muito bem.



Chegam-nos, por vezes, reclamações das leitoras, com o fundamento de que se publicamos retratos de mulheres. Uma das cartas ultimamente recebidas traz este desabafo: «Lembrem-se de que somos raparigas novas e que gostamos de ver as fotos daquelas galãs que constroem no cinema um dos nossos motivos de admiração». Tem razão e nosso anónimo correspondente. E para o satisfazer, damos hoje esta foto de Charles Boyer — o galã romântico por excelência, que povoou de sonhos e ilusões o mundo íntimo de tantas admiradoras...

NOTA DA SEMANA

CONTINUA a ofensiva de filmes de guerra, sobre as telas portuguesas. O público começa a dar mostras de cansaço ante tal insistência. Numa das últimas semanas, não havia nos cinemas de Lisboa um único filme que não fosse inspirado na guerra ou em acontecimentos que com ela se emendam: «Tempestade Mortal», no São Luiz; «As chaves do Reino», no Ti-volt; «Forja de Heróis», no Eden;

«Sete de Infantaria», no Palácio e Odeon; «Sahara», no Condes; «Sol de Sangue», no Politeama, etc.

As actualidades só nos falam dos sucessos políticos ligados ao rescaldo da grande conflagração. E, nos complementos, abundam aqueles filmes que documentam o esforço de guerra levado a cabo pelas nações que nela participaram.

Há dias, um jornal de Lisboa calculava que veríamos ainda cerca de mil filmes, glosando os múltiplos temas da última conflagração mundial. Parece-nos manifesto exagero. No entanto, teremos que esperar muito tempo, antes de se extinguir esta fonte, assustadoramente inesgotável, de façanhas de soldados na terra, no mar e no ar — nas cinco partes do mundo!



Robert Z. Léonard dá preciosas indicações a Ginger Rogers sobre as próximas filmagens. Quem o vê, assim, conselheiro e amigo, há-de supor que ele o está a admoestar, por trazer no regaço um cãozinho, simpático por certo, mas que não merece — não é verdade, leitor? — tão carinhosa distinção. A menos que a Ginger siga aquela escola filosófica das mulheres, que se iniciou pelo postulado: «Quanto mais conheço os homens, mais gosto dos cães!»

Engraçadinhos, não são? E Estão bem disfarçados!... Quem reconhecerá sob os aspectos facetos destes dois cavalheiros de péra, Fred Astaire e Gene Kelly? O que estão fazendo? Divertindo-se, talvez... Em qualquer caso, mais um excêntrico de Hollywood.

Laura Alves (Maria Rosa) e Maria Sidónio (Clarita), são duas boas amigas no novo filme «Matinée às quatro».

(Um momento de ensaio fixado por Silva Nogueira)



6

ENGRAÇADAS RAPARIGAS PRECISAM-SE

Já regressou do Porto o realizador Santos Mendes, motivo porque vai reunir o júri que há-de escolher as leitoras de «Vida Mundial Ilustrada», que se inscreveram no nosso concurso «Seis raparigas engraçadas, precisam-se!».

As concorrentes vão ser avisadas por escrito do dia, hora e local do concurso, que se realizará numa casa de espectáculos do capital.

HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXIX

A superioridade dos aliados afirma-se

A evolução da guerra submarina e a sua intensificação levou, simultaneamente, os ingleses a operarem também algumas modificações na sua lista de altos comandos da Armada. Dessas modificações a mais importante e sensacional, até porque foi inesperada, foi a do comandante-chefe da «Home Fleet», almirante Tovey, pelo seu camarada Bruce Fraser, que desempenhou essas elevadas funções até ao termo das hostilidades na Europa, sendo mais tarde transferido para o comando da esquadra britânica centrada no Pacífico durante a última fase da guerra contra o Japão.

Bruce Fraser foi, por sua vez, substituído pelo seu camarada Henry Moore, um dos nomes que mais se illustrou no decurso da guerra pela afirmação duma incontestável competência técnica e dum mérito profissional pouco vulgar. O cargo de chefe do Estado-Maior da «Home Fleet» appareceu confiado ao almirante Syffert, de origem sul-africana, que se especializara na organização e condução de combates em águas infestadas pelos submarinos alemães. Esta última circunstância contribuiu decisivamente para a sua escolha numa altura em que a actividade dos submarinos alemães entrara num período de perigoso recrudescimento.

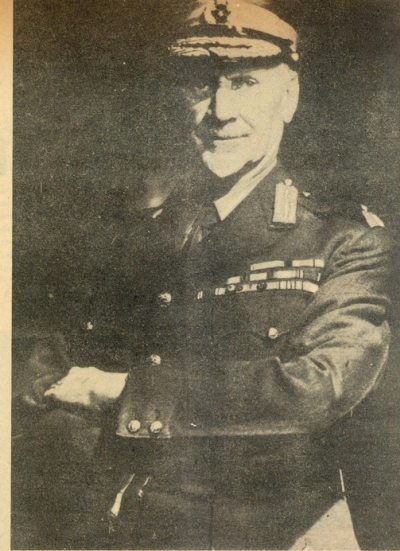
Uma outra nomeação, feita mais com sentido honorífico e recompensador dos serviços prestados do que para o exercício de uma função efectiva, foi a do almirante «Sir» Andrew Cunningham para o elevado posto de almirante da esquadra, «Sir» Andrew fora, efectivamente, ao longo de todo o perturbado período da guerra o oficial da marinha de guerra inglesa

que mais relevantes e intelligentes serviços prestara à sua pátria. Na sua qualidade de comandante-chefe das forças navais britânicas no Mediterrâneo, conseguira com escassos recursos e ainda mais escassas possibilidades, neutralizar a esquadra italiana, a qual constituiria durante algum tempo um legítimo motivo de preocupação para as autoridades navais britânicas. Mais tarde a sua colaboração para o êxito dos desembarques aliados no Norte de Africa e na Itália foi decisiva e revelou-se dum valor incalculável.

O PERÍODO CRÍTICO DA GUERRA SUBMARINA REVELADA PELO MARECHAL SMUTS

Foi durante a viagem do marechal Smuts pela Grã-Bretanha no Outono de 1942 que se revelou aos olhos do povo inglês toda a gravidade que assumira para os destinos daquele país a intensificação da campanha submarina no Atlântico. Ia inclinar-se o período das grandes vitórias aliadas que ainda nesse ano culminaram com as vitórias de Alamein e Estalinegrado, e o marechal e chefe do governo sul-africano não tinha dúvidas e proclamava, confiadamente a sua convicção de que o mundo se encontrava perante uma viagem no curso da guerra, a qual se revelaria de consequências incalculáveis.

Mas no mesmo tempo que fazia desassombadamente estas afirmações, Smuts nunca de sobreaviso os seus ouvintes quanto ao perigo real que ameaçava a causa dos aliados e que passava despercebido a muita gente, dominada pela perspectiva dos primeiros e retumbantes êxitos mi-



O MARECHAL SMUTS que denunciou os perigos gravissimos da campanha submarina no Atlântico

litares. Esse perigo era constituído pela evolução da campanha submarina no Atlântico, a qual fazia um número de vítimas e uma quantidade de estragos crescente. Não eram apenas as vias de comunicação imperiais que se encontravam em perigo. Era toda a estratégia concebida pelos chefes militares aliados, a qual se baseava na liberdade de comunicações entre a Grã-Bretanha, os Estados-Unidos e a Rússia que poderia malograr-se de maneira catastrófica se porventura continuassem a registar-se tantos afundamentos.

Os números que eram do conhecimento do chefe do governo da União Sul-Africana quando este proferiu desassombadamente as suas declarações não faziam sendo confirmar a sua interpretação pessimista da evolução da campanha submarina. Entre 7 de Dezembro de 1941, data em que os alemães haviam perdido a batalha de Moscovo, e 8 de Novembro de 1942, data em que os americanos desembarcaram no Norte de Africa, a campanha submarina no Atlântico causara um recrutamento que era de molde a suscitar as mais sérias apreensões.

536 NAVIOS MERCHANTS ALIADOS AFUNDADOS NO ATLÂNTICO NO PERÍODO DUM ANO, ENTRE NOVENHRO DE 1941 E NOVEMBRO DE 1942

Durante esse período dum ano a que nos referimos, tinham sido afundados no Atlântico 536 navios mercantes aliados por virtude da acção da arma submarina alemã, o que era realmente excessivo para as possibilidades dos anglo-americanos nessa altura. As palavras do marechal Smuts, que a seguir reproduzimos, encontravam portanto nos factos a mais retumbante confirmação.

«As vitórias que alcançamos no Egipto e no Norte de Africa — dizia ele referindo-se a Alamein e ao desembarque aliado na Africa francesa — não podem por enquanto ser avaliadas nas suas verdadeiras proporções. Nesta guerra as novidades virão do Mediterrâneo, pois quem puder utilizar livremente a via do Mediterrâneo terá o domínio da Europa. Já ganhamos a offensiva aérea contra o inimigo, e começamos a ganhar a offensiva no mar.

Mas no mar a campanha submarina continua a ser uma ameaça terrível que impende sobre nós. O último discurso proferido por Hitler em Munich, deu-nos a conhecer que

os submarinos constituem a sua derradeira esperança. E na construção desses engenhos que a Alemanha concentra agora todos os seus recursos, aquelles que ainda lhe restam em matérias-primas e em potencial humano. Os submarinos percorrer os mares em número cada vez maior e cobrem distâncias revelando um treino das respectivas tripulações que ainda há pouco tempo nos pareceria impossível de alcançar.

Apesar de todos os nossos esforços, a campanha submarina recrudescer, e é para a conjugar que devemos criar rapidamente um Estado-Maior de técnicos e de especialistas. Como é de cular, a impressão produzida por estas palavras, quando ellas foram reveladas, foi profundíssima dentro e fora da Inglaterra. Tão grande que o governo britânico julgou indispensável opor-lhe não um desmentido, que seria impossível, mas um esclarecimento que havia tido o interesse em revelar rapidamente.

OS PROJECTOS ENCARADOS E POSTOS EM PRÁTICA PELOS ANGLÓ-SAXOES PARA ENFRENTAREM O PERIGO CRESCENTE DA GUERRA SUBMARINA

Poucos dias depois de terem sido divulgadas as palavras pessimistas do marechal Smuts, o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha publicou uma

(Continua na página 16)

APRENDA RÁDIO

POR CORRESPONDENCIA, PEÇA FOLHETOS GRATIS

ACADEMIA NACIONAL DE RÁDIO

A. DR. MANUEL LARANJEIRA, 12-D'ORSTO

O ALMIRANTE «SIR» BRUCE FRASER, que assumiu o comando da «Home Fleet» em 1943



Os vestidos com peles voltam a estar em moda.



Um elegantíssimo vestido de lá



Um modelo aconselhado às mulheres altas. Fica-lhes bem...



«Tailleur» de flanela. Um encanto, não é?



Vejam este elegantíssimo vestido de noite, todo em negro.



Aqui faz-se sentir a influência sul-americana.



Um lindo vestido de renda com reminiscências espanholas.



Apreciem este vestido de linhas esbeltas, em cetim azul.



Aqui têm um vestido de «spirées» dos que fazem «frou-frou».



Outro, mas desta vez em «jersey» azul.



Cetim negro e ombros incríveis. Mas é moda.



Um casaco de «catifez». Gostam, minhas senhoras?



MAIS MODAS PARA O INVERNO

OS GRANDES COSTUREIROS DE NOVA-YORK APRESENTAM OS SEUS MODELOS PARA O INVERNO, MODELOS EM QUE JÁ NÃO SE NOTA O RACIONAMENTO DAS FAZENDAS...

★ Um vestido de «spirées» em prato «lômês».

EVOCANDO UMA TRAGÉDIA

VAI FAZER AGORA 54 ANOS QUE MORRERAM À VISTA DA PÓVOA, 105 PESCADORES

e seis da Afurada. Levavam a bordo 128 homens, corajosos, arruados, afetos ao embate das ondas e às trações das águas. Saíram de véspera, pela tardinha, esperançados em que aquela negação de calmaria fosse uma realidade. Em pouco largaram as rédeas, que os filhos em casa pediam pão e eles, há tanto tempo sem ganhar, não o tinham. Foram longos, até por alturas de Aveiro, no sítio da «Clarota». O dia amanheceu menos calmo. As águas começaram a dar mostras de forte ondulação. As núvens encastelavam-se de novo no horizonte. Pelas dez horas da manhã, para o Sul, havia negras castelas de nuvens amuando já tormenta desabrida.

Em breve esse medonho exército de nuvens negras enchia todo o céu e pesava como chumbo sobre os míseros quarenta e seis barquitos que andavam na fauna da pesca. A ventania começou de soprar com fúria inusitada, e as ondas formavam altas montanhas que vinham de roldão, desfazer-se nos rochedos, galgar a praia, salpicar, com impetos de desafio, as primeiras casas do bairro piscatório. O plúmbeo agressivo do céu, a fúria clementina dos ventos, o alitero vergastar das ondas, chamaram à praia gentes enlouquecidas pelo pavor da catástrofe que se avizinhava. Havia choros e gritos, liberes desgrenhadas, correndo como loucas, imprecavam as ondas e pediam a protecção dos Céus. E a tempestade ia aumentando, aumentando sempre, aumentando cada vez mais. As ondas eram agora montanhas de líquido revólto, himalais de fúria indomável, galgando umas sobre as outras, em disputas de ralva, em ameaças de morte.

Ao largo surgiram os primeiros barcos. Olhos esgarçados fitaram-nos, na ânsia de salvamento. Eram cascas de nozes dançando uma al-rondela de tragédia. E viu-se que al-

guns dos barcos, ante a impossibilidade de demandar a praia que o mar varria, cavando abismos e grunhindo coleros, se fizeram ao largo, uns com rumo ao sul, outros ao norte. Mas a gente do mar não sabe voltar a cara ao mar. Se é o desafio, o homem do mar, heróico e destemido, desafia-o a ele. Por alturas da Cachina, entre Vila do Conde e a Póvoa, há uma pequena enxada, erigida de escolhos bravos, de barra estreitíssima o sabem eles. Mas não estaria ali um caminho, embora áspero, de salvação? E tentaram-na. O primeiro barco passa. O segundo já o faz com maior dificuldade. Vem o terceiro. As ondas enruvidas pelo desacato, galgam sobre ele, elevam-no sobre o seu dorso furiosamente encespado, fazem-no descer ao abismo, tornam a levantá-lo até às nuvens, e atiram com ele para cima dos rochedos e despedaçam-no como um gigante que esmagasse nas mãos hercúleos um brinquedo de criança.

Gritos de dor enchem o espaço enegrecido pela tormenta. E a estes barcos outros se seguem que não têm o mesmo calvário e o mesmo fim. E já se não distingue o rugido temeroso do mar em fúria, e o ciro angustioso, tragicamente afritivo, do mar humano que assistia àquele espectáculo tremebando. Veio a noite. A escuridão, cortada pelos fogachos dos arboletes, tinha manchas de sangue tremeluzente. E aos ulivos do temporal respondiam os gritos lancinantes das mulheres, dos homens, das crianças, que tinham ainda nos olhos pavidos a tragédia a que haviam assistido.

Ao outro dia deu-se balanço aos mortos: cento e cinco.

Por, vai fazer hoje desta pavorosa tragédia? O tempo é o grande Saturno que devora os próprios filhos...



O tempo é o grande Saturno que devora os próprios filhos: homens, factos, acontecimentos, os pequenos nada, e as grandes catástrofes. Se assim não fosse, ali de nós, levávamos os dias a chorar desfilas e a lamentar tragédias. Daqui a menos de quatro meses passamos cinquenta e quatro anos sobre uma das más pungentes catástrofes que enlutou o Norte e sobressaltou o País.

Foi a 27 de Fevereiro de 1892. Havia uma semana que o vento soprava rijo e a chuva caía em catarras diluvianas sobre a parte ocidental da Península. O inverno desse ano da áspero e tempestuoso. A gente da beira-mar não se afoitava às on-

das bravias que lhe cavavam abismos insondáveis. A fome rondava, de perto, os lares cujos chefes há muito não iam ao mar buscar o precioso alimento que as salmas ondas lhes podiam dar, se estivessem serenas e acolhedoras. Naquela quinta-feira, o mar sempre desleal e traíçoete, acalmara as suas fúrias. Os pescadores da Póvoa e da Afurada, premiados pela necessidade, e levados pelo seu indomável arrojô, acitaram-lhe as nezaças, fiaram-se na sua aparente tranquilidade, na sua quasi benévola placidez, e fizeram-se às águas, confiadamente. E sempre um perigo, a lealdade não se precaver contra a hipocrisia.

Quarenta barcos saíram da Póvoa,

Acidentes de Trabalho

Vida

Acidentes Pessoais

Incendios

Transportes

Roubo

Cristais

Automóveis

Responsabilidade Civil

Avaria de Géneros

Caçadores

Rendas de Casas



A MUNDIAL

(O MAIOR ORGANISMO SEGURADOR PORTUGUÊS)

Sede em Lisboa

Largo do Chiado, 8

Telefone (PBX) 20354-55-66

Filial no Porto

Pr. G. G. Fernandes, 10

Telefone: (PBX) 5980-81

Agentes por todo o Continente Ilhas e Africa



ENCANTADORAS!

A BELEZA FAZ A FELICIDADE DA MULHER MODERNA. PARA A CONSEGUIR USE OS PRODUTOS

Cliper



Experimentar os produtos *Cliper* significa adoptá-los para sempre



NA CIDADE
NO CAMPO
NA PRAIA

As MALHAS LOCITAY

Revelam a distinção e o bom gosto das pessoas
À VENDA NAS MELHORES CASAS



A condecoração do «primeiro patrão» dos Voluntários Portugueses, Alberto Ferraz Carneiro



Mari Alexandre, a conhecida especialista, em confecções para crianças que na Rua D. Francisco Manuel de Melo, 30-A, ao Parque Eduardo VII, fez um elegante reino da beleza infantil, passou há dias, nos salões da Casa Aguiar e no «Cavaliar Imperial», os seus modelos.

Modelos de invulgar simplicidade e beleza, passados por lindas crianças, poder, sem favor, considerar-se sensacional a sua exhibição.

O actor e locutor da Emissora Nacional, Igrejas Castro, apresentou os vários «modelos», que a selecta assistência recebeu com excepcional interesse.

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crustas, feridas, erupções, urticárias na pele, etc. ATÉ HOJE NUNCA HÁO APARECIDO CÔSIA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



HOMENS E SENHORAS VESTE BEM CASTILLA L.^{DA}

SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES CLÁSSICOS TAILLEURS CONFECÇÕES GENERO FRANCÉS ETC.

Vendas a pronto ou em pagamentos suaves

CASTILLA L.^{DA} = ALFAIATES =

Rua do Ouro, 127, 3.^a ~ LISBOA ~ Telef. 23921

TRÊS IMAGENS



O sr. ministro das Colónias é cumprimentado, a bordo do «Mouzinho», pelo sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa



A chegada a Lisboa do ilustre cientista «Sir» Wallace Bragg, colaborador das pesquisas da bomba atômica e regente da cadeira de Física Experimental da Universidade de Cambridge. Junto do sábio professor vêm-se os srs. drs. Duarte de Figueiredo, secretário do sr. Ministro da Educação Nacional; Medeiros Gouveia, secretário geral do Instituto para o Alta Cultura, e prof. George West, director do Instituto Britânico.



Um aspecto da homenagem há dias prestada à ilustre actriz Palmira Bastos, pelos artistas portugueses.



Aspecto da homenagem ao sr. dr. Trigo de Negreiros na Direcção Geral da Assistência, na qual usaram da palavra os srs. dr. Guilherme Passolo e José Queiros.



Oliveira Cosme



Dr. Abel Salazar



Rafael Ferreira

O Prof. Doutor Abel Salazar, a quem acaba de ser dirigido, pela Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa, um honrosíssimo convite para ir fazer, àquêle país, uma série de conferências.

O eminente cientista aceitou o convite, e deve partir brevemente.

RAFAEL Ferreira, nosso querido colega de jornalismo e profissional de imprensa distinto, publicou agora «Nos bastidores do jornalismo», numa elegante e cuidada edição. Nas páginas desta nova obra de Rafael Ferreira passam figuras conhecidas, casos do jornalismo, acontecimentos de interesse, e tudo narrado em prosa simples, que prende o leitor até à última linha. É este o melhor elogio ao trabalho de Rafael Ferreira, uma vida dedicada ao jornalismo.

JOSÉ de Oliveira Cosme, nome conhecido e admirado da nossa Rádio, retiniu agora, num livrinho, dois episódios humorísticos de sua autoria, que obtiveram grande êxito quando da sua recente apresentação ao microfone de Rádio Clube Português.

E os que apreciaram os episódios, quando transmitidos, não deixarão de recordar, pela leitura, os agradáveis momentos que o espírito de José Cosme lhes proporcionou.



A reunião dos dirigentes da Philips Portuguesa com os seus agentes no sul do país, para apresentação dos novos modelos de aparelhos receptores de T.S.F.



A comissão do Barreiro, que veio pedir ao sr. Ministro da Educação Nacional a criação duma Escola Industrial naquela vila, o que lhe foi prometido pelo sr. dr. Caetano da Mata.



O PROFESSOR A. MAROZES DA SILVA
DOUTORADO PELA SORBONE
1.º ASSISTENTE DE FÍSICA
DA FACULDADE DE CIÊNCIAS
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA,
ESCREVEU ESTE NOTAVEL
ARTIGO

(Especial para "Vida Mundial
Ilustrada")

A fenomenologia da radiação α radifónica é a mais interessante das que se relacionam com a física nuclear. A descoberta da radiação α deu origem a uma nova ciência, a da física nuclear, que tem por finalidade descobrir e estudar os fenômenos que se produzem no interior dos núcleos atômicos.

Quando se trata de uma fonte que emite um tipo de radiação α , a primeira coisa que se deve fazer é determinar a natureza da radiação emitida. Para isso, basta medir o alcance da radiação em um meio homogêneo e conhecido, como o ar, e comparar o resultado com o que se conhece da radiação α de outros elementos. Se a radiação emitida tem um alcance semelhante ao da radiação α de outros elementos, pode-se concluir que se trata de uma radiação α .

Uma vez determinada a natureza da radiação emitida, a segunda coisa que se deve fazer é determinar a natureza do elemento emissor. Para isso, basta medir o período de vida média do elemento emissor e comparar o resultado com o que se conhece do período de vida média de outros elementos.

Uma vez determinada a natureza do elemento emissor, a terceira coisa que se deve fazer é determinar a natureza do elemento receptor. Para isso, basta medir a natureza da radiação emitida pelo elemento receptor e comparar o resultado com o que se conhece da natureza da radiação emitida por outros elementos.

Uma vez determinada a natureza da radiação emitida, a quarta coisa que se deve fazer é determinar a natureza do elemento receptor. Para isso, basta medir a natureza da radiação emitida pelo elemento receptor e comparar o resultado com o que se conhece da natureza da radiação emitida por outros elementos.

Uma vez determinada a natureza do elemento receptor, a quinta coisa que se deve fazer é determinar a natureza do elemento emissor. Para isso, basta medir a natureza da radiação emitida pelo elemento emissor e comparar o resultado com o que se conhece da natureza da radiação emitida por outros elementos.

Uma vez determinada a natureza do elemento emissor, a sexta coisa que se deve fazer é determinar a natureza do elemento receptor. Para isso, basta medir a natureza da radiação emitida pelo elemento receptor e comparar o resultado com o que se conhece da natureza da radiação emitida por outros elementos.

Uma vez determinada a natureza do elemento receptor, a sétima coisa que se deve fazer é determinar a natureza do elemento emissor. Para isso, basta medir a natureza da radiação emitida pelo elemento emissor e comparar o resultado com o que se conhece da natureza da radiação emitida por outros elementos.

Uma vez determinada a natureza do elemento emissor, a oitava coisa que se deve fazer é determinar a natureza do elemento receptor. Para isso, basta medir a natureza da radiação emitida pelo elemento receptor e comparar o resultado com o que se conhece da natureza da radiação emitida por outros elementos.

A PROPOSITO DA

BOMBA ATÓMICA



Pene e Marie Curie, dois grandes nomes da Física.



Antoine Henri Becquerel, que descobriu a radionúclida do urânio.



J. Robert Oppenheimer, atual chefe americano que dirige os trabalhos de bomba atômica em Los Alamos (Nova México).



Otto James Chadwick, que descobriu o nêutron.

A ENERGIA ATÓMICA E A SUA UTILIZAÇÃO

Desde logo se vê que a energia atômica é a energia que se liberta no momento da transformação de um elemento radioativo em um elemento estável. Esta energia é a energia que se liberta no momento da transformação de um elemento radioativo em um elemento estável. Esta energia é a energia que se liberta no momento da transformação de um elemento radioativo em um elemento estável.

Esta energia é a energia que se liberta no momento da transformação de um elemento radioativo em um elemento estável. Esta energia é a energia que se liberta no momento da transformação de um elemento radioativo em um elemento estável. Esta energia é a energia que se liberta no momento da transformação de um elemento radioativo em um elemento estável.

Esta energia é a energia que se liberta no momento da transformação de um elemento radioativo em um elemento estável. Esta energia é a energia que se liberta no momento da transformação de um elemento radioativo em um elemento estável. Esta energia é a energia que se liberta no momento da transformação de um elemento radioativo em um elemento estável.

Esta energia é a energia que se liberta no momento da transformação de um elemento radioativo em um elemento estável. Esta energia é a energia que se liberta no momento da transformação de um elemento radioativo em um elemento estável. Esta energia é a energia que se liberta no momento da transformação de um elemento radioativo em um elemento estável.



Uma das bombas atômicas construídas em Los Alamos, Nova México, que produz a radionúclida do urânio.

de responder à transformação integral da matéria que toma parte no fenómeno em energia. Segundo notícias publicadas na imprensa, apenas 17,000 da matéria é transformada em energia.

A bomba atómica.—Até aqui temos exposto factos resultantes de trabalhos de laboratório, publicados nas revistas da especialidade até 1939, e sobre os quais não tivemos de fazer nenhuma espécie de especulação. Vamos voltar à luz destes factos explicar a constituição e o funcionamento da bomba atómica. Evidentemente que o que vamos expor a seguir, inferido de ligistros pormenores fornecidos pela imprensa de grande informação, não pode ter a mesma segurança que o anterior. No entanto, se nos abalançamos a entrar nesse domínio é porque julgamos que, posto que podendo ser inexacto em um ou outro pormenor, o que vamos dizer não se afastará muito da verdade.

Na bomba atómica há, evidentemente, uma origem de neutrões (provavelmente uma origem radioactiva, emissora de raios α , que incidindo sobre berílio libertam neutrões). Estes neutrões vão incidir sobre uma certa quantidade de U-235 (mas provavelmente sobre uma mistura de U-235 e U-234, visto que não vale a pena fazer a separação destes dois isótopos, mais difícil ainda que a separação do U-238, e desnecessária porque ambos eles sofrem a cisão) provocando a cisão em cadeia deste elemento. Nesta cisão liberta-se uma enorme quantidade de energia, que é transformada em calor. Obtém-se assim uma temperatura elevadíssima que deve atingir várias dezenas de milhares de graus. O calor libertado é sumado e rapidamente destruído tudo o que se encontra num certo raio à sua volta. Por outro lado, o ar aquecido bruscamente a uma tão elevada temperatura adquire uma força de expansão extraordinariamente elevada, equivalente ao que sucede na deflagração duma enorme quantidade de explosivo. Vemos, pois, que a bomba não tem necessidade de nenhum explosivo particular.

O que acabamos de dizer justifica os efeitos da bomba lançada em Hiroshima descritos pela imprensa (dizcos de casas ao rubro, indivíduos

carbonizados, e que se encontra vivo dentro das casas mortas pela deflagração do ar).

Restaria esclarecer um último ponto. Como é que a bomba se mantém inactiva durante longo tempo, e só actua no momento desejado? A única explicação do facto é que os neutrões só nesse momento atingem o U-235. É isso o fácil de conseguir por duas vias diferentes. A primeira consiste em evitar que os raios atinjam o berílio antes do momento, e portanto só então se produzem neutrões. Para tal bastaria ter um alvo intercalado entre a origem radioactiva e o fragmento de berílio. Os raios α pouco penetrantes seriam retidos pelo alvo. No momento desejado um mecanismo apropriado faria cair o alvo e a bomba deflagaria.

Outro processo seria permitir que os raios α atingissem o berílio e produzissem, portanto, neutrões, mas que estes atingissem o urânio 235. Para isso seria necessário interpor entre o berílio e o urânio uma lâmina de paraffina a espessura conveniente, e em seguida uma lâmina de cadmio. A paraffina tem a propriedade de diminuir apreciavelmente a velocidade dos neutrões e o cadmio absorve completamente os neutrões muito lentos. No momento desejado a lâmina de cadmio cairia e os neutrões atinjam o U-235 provocariam a explosão.

Aspectos sociais da utilização da energia atómica.—Evidentemente que o emprego da energia atómica como arma de guerra é um episódio secundário. O que interessa fundamentalmente é saber até que ponto ela poderá ser utilizada industrialmente e as consequências que daí resultarão.

Com os elementos de que dispomos não é fácil fazer previsões fundamentadas. Quando o homem puder dispor de uma fonte de energia de tal grandiosidade, a vida social sofrerá necessariamente uma remodelação profunda. A máquina substituirá quasi completamente o trabalho manual; o preço de custo dos artigos manufacturados descerá grandemente. E isto traduzir-se-á necessariamente por uma notável elevação do nível de vida, pela redução dos trabalhos degradantes, e por uma melhoria das condições materiais de todos. Por outro lado, não sendo de aconselhar que tal fonte de energia seja livremente empregada por indivíduos ou empresas particulares, a interferência do Estado—ou do Super-Estado—na indústria terá que ser total ou quasi. Quanto a tornar impossível uma nova guerra, não cremos que a acção da bomba atómica tenha uma influência directa. A descoberta de uma nova arma mais fortemente destruidora fêz sempre nascer a esperança da impossibilidade da guerra. Assim foi com a descoberta da dinamite e com o desenvolvimento da aviação. Mas a verdade é que tal esperança nunca se realizou. É verdade que a bomba atómica tem já no seu activo o termino de curto prazo da guerra no Extremo-Oriente, poupando centenas de milhares de vidas. Mas este facto resultará também, sendo principalmente, da demoralização proveniente da surpresa e ainda da impossibilidade de reprodúzias adequadas.

Se a utilização da energia atómica tiver como resultado a paz perpétua,



APRESENTA A
MAIS RICA
COLEÇÃO DE
PELES E CON-
FECCÕES NOS
SEUS ESTABE-
LECIMENTOS
DAS

RUA DO CARMO, 29-31
RUA DA PALMA, 117-121

TELEFONE P. B. X. 20784
LISBOA

será em nossa opinião, por via indirecta; promovendo um melhor nível de vida social e eliminando a miséria, eliminará o germen, aparente ou oculto, mas no fundo o único de todas as guerras.

No entanto, conforme pessoas responsáveis o afirmaram já, o problema da utilização da energia atómica para fins industriais não está ainda resolvido. Como dissemos, o processo de separação do U-235 é demasiado caro para se poder encargar o seu emprego em tempo de paz. Se se fêz a separação gastando 50 milhões de contos, foi para a utilização como arma de guerra. Não suponho que nenhum governo empregasse uma tal soma em obras construtivas e para o bem da humanidade. Teremos, pois, que esperar que novos e mais económicos processos de separação ou novas substâncias capazes de sofrer a cisão sejam descobertas, e não é possível prever o tempo que tal demorará.



TOME HOJE MESMO LAXOBAC

Oito pelos seus intestinos. Devem trabalhar com a regularidade dos bons reiditos. Tome LAXOBAC, o novo chocolate laxativo que actua suavemente, mas com firmeza, sem causar a mais leve dor ou incedomo.

Laxobac agrada, tanto aos adultos como às crianças, devido ao seu sabor agradabilissimo.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Escudos 5850 e 12800 cada caixa. Lembre-se do nome.

FOURURES MAITRES-COUPEURS **FURS FLES (EXPERT-CUTTERS)**

PRIMOROSAS CONFECCOES EXECUTADAS POR PESSOAL TECNICO ESTRANGEIRO. SOB MODELOS IMPORTADOS EXPRESSAMENTE DE NEW-YORK

TRABALHOS ESPECIAIS EM:
VISONS. CASTORES - CANADÁ, ASTRAKANS - PERSAS

E TODAS AS PELES FINAS

OS MODELOS SÃO EXCLUSIVOS E EXIBEM EM PASSAGENS

R. RODRIGUES SAMPAIO, 160 - TEL. 40961

ZULOAGA

(Continuação da página 22)

enquanto afavelmente me acompanhava até no jardim.

«Às fora, o ar úmido que vinha da praia refrescou-me a testa febril naquela hora. Saí».

Ví então Zumalá... Mas não a aldeia de casas subindo graciosamente o monte, e olhando de soslaio o mar. De barcos adormecidos na pequena ria e de homens sentados no pórtico por ser domingo. De maré cansada de subir nos seis dias da semana, parecendo ter preguiça de levantar os braços detilados pela areia.

Ví todo isto, Zumalá em si própria, com uma moldura até com aquelas canções vascaas que descaim pelos montes — moldura, sim, do estelers de pinturas de D. Inácio Zuloaga.

Não duvidei jamais que, na misteriosa sabedoria daquelas boia que além mansamente pastavam, ou destas aves que alegremente chilreavam nas árvores douradas de Outono, soubessem da casa do pintor vasco, do velho «aitakolar».

Hoje, assistindo no funeral de Zuloaga a uma das maiores expressões de sentimento do mundo da arte, penso quanto era estranhamente justo ter sido um retrato de Zuloaga — de Domingo Ortega — a última obra do pintor exposta publicamente.

E que D. Inácio foi essencialmente um pintor da festa brava. Ele próprio foi festeiro. Frequentou uma escola taurina que, em 1840, fundou o matador Angel Carmona, funcionava em Sevilla.

Mas Zuloaga é o pintor que dignifica o toureiro.

Já não são aqueles creurentos matadores de Góti, um Albalaci, um Ortega ou um Belmonte.

Parecem antes príncipes dum misterioso Oriente em trajes brilhantes luxuosos e coloridos, que o povo exalta no entusiasmo da sua festa. Força, a bravura do toureiro gótesco, opõe Zuloaga a fluntra, a delicadeza do toureiro espanhol, amam todavia dentro dum vigoroso espanholismo.

Este retrato de Ortega, de reduzida parte de azues, amarelos e violetas,

A Liga cinematográfica das Nações Unidas

(Continuação da página 4)

É e neste quadro desolador que se pretende formar a Liga Cinematográfica das Nações Unidas e congregar os esforços das indústrias cinematográficas dos países agrupados sob aquela designação! Seria pior do que na conferência de S. Francisco, porque nos antagonismos de interesses políticos juntar-se-iam os de ordem económica. O bom entendimento entre os povos é ansiosamente desejado pelo mundo inteiro, cansado de batalhar e de sofrer. O cinema pode, certamente, contribuir poderosamente para o promover e facilitar. Mas pedir-lhe que faça o milagre, antes de desanuviado o amecador horizonte político actual, parece-nos louco. É o mesmo que pedir-lhe o impossível!

FERNANDO FRAGOSO

História da Guerra

(Continuação da página 6)

nota oficialisa anunciando que o chefe do governo da União Sul-Africana, que era um dos mais escutados e respeitadas dirigentes do Império britânico, fora posto ao corrente de todas as medidas projectadas e já executadas ou em via de execução para enfrentar a ameaça real que representava o «nazidismo» da campanha submarina no Atlântico.

Nessa nota oficialisa diz-se que o ministrante estava em contacto com o Departamento de Marinha de Washington, e da sua colaboração havia resultado já benefícios apreciáveis para os dois países, e duma forma geral para a causa dos aliados. Segundo afirmava o sr. Churchill, o marechal Smuts na informalidade que os tinham sido prestadas, Decorridas algumas semanas, e

tem a particularidade de um fundo líllo.

«Aparece a aldeia de Borox, a praça de touros... Deixei-o só» — exclaim um dia Zuloaga para Maya Huertas.

— «O fundo estava concluído, compreende? Mas tirei-o para fixar a vista na figura».

De facto, nem o esfumado duma aldeia, a perspectiva duma praça ou o colorido dum campo castelhano, nada a enriquecer o quadro em benefício duma composição plástica necessária ao retrato.

Esta só... não precisa defender-se de outros ambientes pictóricos — é simplesmente o toureiro Domingo Ortega numa espécie de dinâmico descaim, violentamente mais desenhado com pincéis de cor que pintado.

Recordo certo contraste com o retrato de Albalain. O que em Ortega me trazia a existência dum problema do touro de sidias, em Albalain esse mesmo problema é sonho, que se resolveva, parece, por um processo místico em ritmos de concerto estilo.

Mas todos estes sentimentos me são dados numa linguagem própria conquista das mais difíceis que Zuloaga atingiu, sem negar a espanhola tradição da pintura — espanhola. Como Velazquez e como Ribera, Zuloaga pintou largos tempos no estrangeiro. E como o contacto da pintura italiana parece reafirmar naqueles a pintura castelhana espanhol, de líllo modo no pintor vasco é permanente esse espanholismo através da Europa e Américas.

Para que atribui-lhe por vezes uma certa atitude gótesca, um certo Velazquez ou um conteúdo filosófico de Greco?

Bu Julgo que a tradição da pintura do século XVII explica o apreçamento tanto de Zuloaga, como de Solana, de Vasquez Diaz ou Jose Aguir, mas qualquer destes pintores têm a sua expressão formal, o seu essencial — mensagem — humana de amanhã como pintores do seu tempo... Sim, esse glorioso ciclo dos pintores espanhóis do XVII é a garantia desta continuidade geral, independente da pintura espanhola moderna.

Espanha é de facto, um país de pintores. Em 1845 nasceram dois Solana e Zuloaga.

Menos que não vá à escola

(Continuação da página 3)

para ti seria um conto fantástico como das mil e uma noites.

Por que há menos que tudo tem e menos que nada têm, Maria? Tu comprehendes isto?

—... Eu não! Nunca o comprehendí, minha pequena! Mas... deixa lá! O teu mal é só um — não teres ido à escola.

Em personalidade, todos os heróis de ctedra a todos os outros meninos.

Vejos quasi todos os dias à minha porta, é uma garota franzinza de olhos castanhos a gritarem espereteiro. Tem os dentes amarelados e chama-se Maria. E quando ela passa, ceto à cabeça e a Rostia escarrantada à illargura, como os fillos dos ciganos, na minha janela fico a pensar por que não vió à escola todos os meninos do mundo...

(continua)

Em todas as IDADES...

é necessário fortalecer os ossos e os músculos para evitar o esgotamento e a dor.



Reconstituindo a futura saúde da criança e principal medida profilática, que se pode tomar em todas as idades.



Na idade escolar, quando a criança das crianças começa a estudar, deve impedir-se que fique a estudar os primeiros livros.



Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais dísios, o seu cérebro funcionar-á melhor, o equilibrio dos seus nervos e o bem estar lílico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho lícil e agradável.

Para sempre o lítimo Fósforo Ferrero.

Vende em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

A venda nas livrarias:

O TRIUNFO DA MORTE

Por Gabriel de Aranzúiz

Preço 2\$500

O MARIDO IDEAL

Por Oscar Wilde

Preço 1\$200

PEDIDOS A:

EDITORIAL GLEBA, L. da Rua da Madalena, 211, 3.º

Telefone 2 8939-1150A

AS SUAS VIDAS, A SUA CASA, O SEU AUTOMÓVEL ESTÃO SEGUROS NA

COMPANHIA IMPÉRIO DE SEGUROS

VII
POR

JOSE CORREIA

DE BEIR

CONTINUAÇÃO
DOS NÚMEROS
ANTERIORES

PREPARADO EM LISBOA

O ARMISTÍCIO ITALO-ANGLO-AMERICANO

Deste modo, insistiram em falar sem mais demoras com o general Carboni chegou passado pouco tempo e os americanos entraram imediatamente a fundo na questão do desembarque aerotransportado.

O general Carboni admitiu francamente que a situação era muito pessimista. Novos contingentes alemães tinham sido transferidos para a área de Roma desde que se tinham iniciado as negociações, e o problema revolveava-se de solução muito difícil, para não dizer impossível. Era de opinião que qualquer comunicação sobre o armistício naquele momento seria muito pouco desejável e provocaria a imediata ocupação de Roma pelos alemães.

O resultado da ocupação aerotransportada, disse enfaticamente, seria desastroso, visto que novas unidades alemãs tinham tomado o controle dos aeródromos. As tropas da guarnição de Roma, que tinham sido contida como provéda auxiliares, estavam quasi como indefesas e desarmadas.

Os alemães tinham tomado rigorosa conta de todos os abastecimentos. Os soldados Italianos só dispunham de munições para meia dúzia de horas de combate. Estavam quasi sem gasolina. Os alemães estavam atentos e suspetivos. Eles não poupariam nem os soldados Italianos nem os americanos que se lançassem de paracadres...

Os dois americanos, alarmados com a desconfiançadora opinião de Carboni, pediram para ser conduzidos sem demora à presença do marechal Badoglio.

Os Italianos fizeram objeções. Mas os americanos insistiram e foram atendidos. Dirigiram-se para a rua e subiram para a «limousine» particular de Carboni, acompanhados por éste.

Durante o percurso houve um alarme aéreo de «black-out». Após uma viagem de vinte minutos, o automóvel parou em frente à majestosa villa de Badoglio.

Já passava da meia-noite, mas devido ao alerta, toda a gente estava levantada. Uns andavam em pijama, outros em camisa de dormir...

O grande vestibulo da villa de Badoglio estava esplendorosamente iluminado, por detrás das pesadas cortinas que tapavam as janelas. Ao entrar, os dois americanos foram momentaneamente encadeados pelas luzes. Antes de serem introduzidos no escritório, porém, os dois oficiais tiveram tempo de dar uma vista de olhos pelo que os rodeava.

As paredes eram em mármore branco. O chão estava coberto por tapetes macios e luxuosos, e nas paredes estavam pendurados lindísimos quadros. Elevadores do tipo mais moderno davam acesso aos andares superiores. A mobília era moderna e cara.

O marechal aguardava-os no seu gabinete de trabalho. Como o idioma italiano não era o forte dos dois oficiais americanos e ambos falavam correctamente o francês, foi esta a língua escolhida. Enquanto Badoglio e Taylor conversavam em francês, o coronel Gardiner tomava apontamentos. A entrevista foi muito breve e decorreu num ambiente de grande tensão.

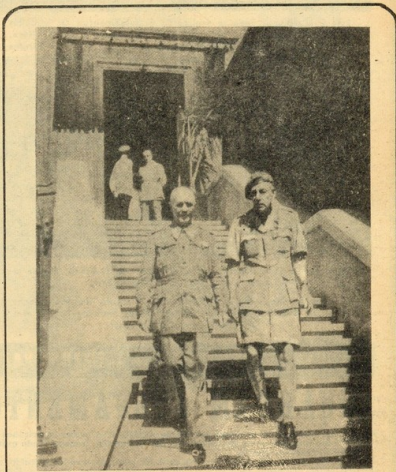
O general Taylor entrou abertamente no assunto. Declarou ao marechal que ficara alarmado com as afirmações do general Carboni. Badoglio replicou que concordava plenamente com Carboni.

A medida que a conversa decorria, os visitantes americanos tiveram ocasião de estudar a personalidade do velho marechal. A primeira impressão foi de fraqueza física e moral. Apenas viam na sua frente um velho, já muito débil, que sob muitos aspectos fazia lembrar o marechal Pétain. Depois olharam para as paredes do escritório, donde pendiam inúmeras recordações duma brilhante carreira militar iniciada há cinquenta e cinco anos. Só então repararam numa coisa: quando o general Taylor nasceria, já havia mais de treze anos que Badoglio era oficial... Que contraste de idades! Badoglio tinha a sabedoria e a experiência dos anos, mas os dois americanos não podiam deixar de pôr em dúvida as suas qualidades de força e decisão.

O velho marechal traçou-lhes o quadro da situação. Foi nada mais nada menos do que a rendição correcta e bastante aumentada dos argumentos do general Carboni. Felizmente, os alemães não tinham tido conhecimento do abastecimento das negociações, mas, em consequência da queda de Mussolini, tinham ficado desconfiados com a futura attitude da Itália e os contingentes alemães totalizavam agora dezasseis divisões.

Badoglio não só afirmou convictamente que achava impossível a realização do plano de lançamento de tropas aerotransportadas, mas também anunciou desabridamente que desejava o adiamento da comunicação do armistício.

Taylor salientou rapidamente a situação em que a Itália se encon-



O marechal Badoglio e o general Mac Farlane durante uma das entrevistas celebradas após o armistício italo-aliado

trava — um exército britânico avançava já vindo do sul, as vias férreas e linhas de comunicação estavam devastadas pelas incursões aéreas aliadas, as quais aumentavam de dia para dia em potencial e continuariam a aumentar enquanto os alemães estivessem em Itália e os Italianos se negassem a alinhar ao lado dos aliados.

O general americano tratou gráficamente o efeito provável que teria em Itália a repulção dos acedidos preparados em Lisboa pelos seus representantes acreditados e solenemente assestados na Sicília três dias antes. E, por último, declarou não ser da opinião que a Itália quisesse, ou pudesse, repudiar esses compromissos.

Quasi com as lágrimas nos olhos, o velho marechal renovou os seus protestos de amizade para com os aliados. A única coisa que desejava, disse, era um adiamento. Não podia acreditar que os aliados se voltassem contra amigos que estavam apenas à espera de momento propício para dar as mãos. Badoglio, tal como o resto dos Italianos, estava obcecado por um médio enorme de retaliação alemã. Roma era o ponto crucial desse medo. Ninguém queria conceber a Itália de que os alemães podiam danificar, ou mesmo destruir, a cidade eterna.

«Se vocês insistirem, anunciarei o armistício, mas os alemães virão aqui e antes do anoitecer de amanhã estarei degolado» — disse em determinada altura do diálogo.

O general Taylor estava numa situação muito pouco invejável. Vieram com a missão de resolver um assunto estritamente militar e, de súbito, caía-lhe sobre os ombros o peso total

do armistício e, possivelmente, de toda a futura campanha italiana, que deveria iniciar-se na noite seguinte.

Passados poucos minutos após o início da conversa com o general Carboni, tanto Taylor como Gardiner tinham chegado à conclusão de que o projecto do ataque aerotransportado era irrealizável. Apesar de Carboni ter sido o primeiro alvissareiro de más notícias, os dois americanos tinham ficado com a opinião que éle era um indivíduo enérgico e eficiente. Além disso, era convictamente anti-alemão. A mãe dele era americana. Os alemães não lhe depositavam a mais pequena confiança e conservavam-no constantemente sob vigilância. Carboni escutava, silenciosamente, o diálogo entre Badoglio e Taylor.

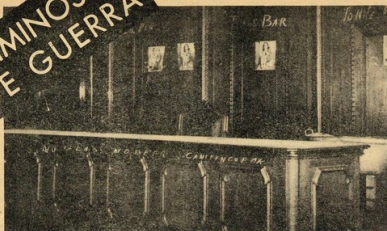
Com a escassez de tempo sempre em mente, Taylor pôs imediatamente de parte a sugestão de Badoglio para regressar ao quartel-general aliado e expor o problema a Eisenhower. Em contrapartida, sugeriu que se comunicasse a este, sem mais demora, pela rádio, o que se passava.

(Conclue no próximo número)

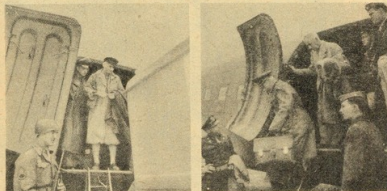
Depois do assinatura do armistício, Badoglio saiu dum avião para ir conferenciar com os oficiais anglo-americanos

LIVRARIA ECLECTICA
LIVROS NOVOS E USADOS
Compra grandes e pequenas bibliotecas
Calçada do Combro, 58 — LISBOA

CRIMINOSOS DE GUERRA



Este é o tribunal onde se realizarão os julgamentos. Os soldados americanos estavam-se servindo desta sala para clube o «bars», e, nas paredes, ainda se vêem letreiros a gis e clubes o alegres raparigos alemães que com eles confraternizaram



Aqui temos Seyss-Inquart, o «gauleiter» da Holanda, saindo do avião que o conduziu a Nuremberg.

O marechal de campo Wilhelm Keitel, chefe do Wehrmacht, desce do aparelho, enquanto Wilhelm Frick, ministro do Interior do Reich, espera a sua vez...

OS ANTIGOS DIRIGENTES DA ALEMANHA NAZI

AGUARDAM JULGAMENTO

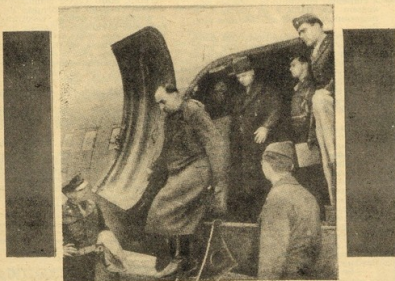
NUMA sossegada e nevoenta manhã de Agosto, dois aviões americanos de transporte aterraram no aeródromo de Nuremberg, transportando quinze criminosos de guerra.

Os julgamentos vão ser públicos. O tribunal será constituído por quatro juizes, indicados pela Grã-Bretanha, Estados- Unidos, Rússia e França, e quatro advogados de acusação, também escolhidos pelas quatro potências. Não haverá júri. A sentença será dada pelo voto dos quatro juizes.

Os réus serão acusados de crimes contra a paz, de crimes de guerra, e de atentados contra a Humanidade. Os acusados decerto se acostumaram, neste prazo angustiante de espera, à ideia de que serão condenados à morte.

E, a avaliar por antigos julgamentos, que a guerra ocasionou, não é natural que os nazistas prestes a ser julgados possam ter esperanças de que outra coisa, sem ser a morte, ponha um triste ponto final na sua vida intensa, que não souberam viver...

Em Nuremberg vai, indiscutivelmente, descer o pano sobre mais uma grande tragédia da História.



Aqui, Ribbentrop, o famoso ministro dos Estrangeiros de Hitler, espera que Kurt Daluege saia, para abandonar também o avião.

UM CONCURSO QUE DEU BRADO

“MISS AMERICA, 1945”

CONFORME é costume, todos os anos, realizou-se, em Atlantic City nos Estados- Unidos, o concurso para a eleição de «Miss América».

A vencedora — linda vencedora! — foi «Miss Ben Nyerson, representante das mulheres bonitas de Nova-York».

Não pensem, porém, que «Miss América 1945» é uma mentira fútil, que passa a vida por bailes e cháis e se serviu da oportunidade deste concurso para exibir a sua beleza e abrir as difíceis portas de Hollywood.

«Miss Ben é diplomada por um curso superior, e, além disso, uma virtuosa de flauta e de piano!

Apresentou-se, perante o júri, com um fato de banho branco, que lhe enrome furor.

Depois, tocou, ao piano, o «Concerto em lá menor», de Gullaz, e em fim o «Sumerlimes», de Gershwins».

E por aqui se vê que, este ano, não só os dotes físicos contaram para a eleição de «Miss América». Também se atendeu à inteligência, cultura e beleza das concorrentes...



7) As pernas das concorrentes são sempre o grande atracção destes certames de beleza.



8) Para os fotógrafos militares, são estes os objectivos de guerra preferidos. 9) «Miss Arkansas» dá os últimos retoques no «maquillage»...



1) «Miss San Diego», de 18 anos, que ficou em 2.º lugar. É artista em fotografia e dança maravilhosamente a «hula». 2) «Miss Chicago». Toca piano e coleciona «menus» de restaurantes! 3) Esta é «Miss Tennessee». Foi ela o favorito dos soldados que assistiram ao concurso, mas nem assim conseguiu vencer.



4) Aqui têm «Miss Wisconsin». Tem uma linda voz de soprano. 5) «Miss Birmingham», é cantora e faz danças acrobáticas. 6) E aqui têm «Miss Nova-York», eleita «Miss América 1945». É a mais alta de todas as concorrentes e a mais pesada desde 1925! Leia isto, os senhores que querem emagrecer!



10) Aqui, já de coroa, manto e ceptro, «Miss América» senta-se no trono da Beleza. 11) «Miss América» é, além de formosa e culta, uma rapariga generosa. Vejam como ela beija Jimmy Wilson, que perdeu as pernas e os braços na guerra! 12) Mais uma foto da «Rainha» e das suas «damas de honra» — e até para o ano!...

CALÇADA DA GLÓRIA

"O ESTADO NÃO TEM NADA COM O ESCRITOR EÇA DE QUEIROZ;"

SE QUISER INTROMETER-SE NO CENTENÁRIO, COMEMORE, QUANDO MUITO, O CONSUL EÇA DE QUEIROZ..."

— AFIRMA LOPES DE OLIVEIRA



LOPES de Oliveira—nome que não carece já de apresentação —publicou, há anos, um volume que intitulou Rema sempre. Nas montras das livrarias surgiu, recentemente, um novo volume do mesmo autor, e cujo título é... É mesmo contra a maré. Unamos estes dois títulos Rema sempre... e mesmo contra a maré, e teremos uma síntese biográfica perfeita de Lopes de Oliveira. Nessa meta-dúzia de palavras se contém toda a história deste homem de bigodes fagueiros que, à primeira vista, parece arrazar o mundo e que é, em boa verdade, não apenas um dos melhores espíritos, mas um dos corações mais bem formados, que freqüentam a nossa «Rua do Ouro» política e literária. Remando sempre, remando mesmo contra a maré, este homem tem conduzido o seu barco, cheio de idéias e de livros, como aquele barqueiro legendário que, sob as tempestades, cantava, agarrado aos seus remos. Conversar com Lopes de Oliveira constitui sempre um prazer raro. É uma destas pessoas que anda, rigorosamente, ao facto de tudo, desde o último caso policial à última anedota literária. Há dias, a uma mesa de café cometi com Lopes de Oliveira uma entrevista. Mas—caso curioso—enquanto à volta, num borbotinho, se falava nervosamente de política, nós falávamos o mais tranquilamente possível de Eça de Queiroz e do seu centenário. Eu, curioso, de lápis em punho, la perguntando: Lopes de Oliveira, loquaz, de bigode em riste, la respondendo—e, quando menos se esperava, deparou-se-nos a entrevista feita...

—A coisa mais curiosa—consegue por me dizer Lopes de Oliveira, sorrindo—é a maneira como se chegou à ideia de celebrar o centenário de Eça de Queiroz. Você não sabe? Então ouça. Um dia, julgo que em Setembro do ano passado, (lembro-me que estava em férias) li o primeiro alvitre, bem entusiasmado num jornal há pouco fundado: ao jornal parecia-lhe uma vergonha que se passasse despercebido o Centenário do nascimento de Eça—eo inculto autor das Pupilas do Senhor Reitor. Outros jornais lhe pegaram na palavra: a onda alastrou, e veio a inundação de glória, que aí vê...

—Mas é parte a vincadeia das Pupilas, confessará que é interessante esta Centenário?...

—Sim! os Centenários são interessantes. Porém, se os grandes homens que se celebram, resuscitassem, parecer-lhes-ia com certeza impertinente muita coisa que à volta do seu nome se passa.

—Agora com Eça de Queiroz...

Em primeiro lugar, notemos: é o primeiro Centenário de escritor que em Portugal se celebra oficialmente. Com o próprio Camões o Estado limitou-se a contribuir, bem parcimoniosamente para as despesas dos festejos. E tratava-se do autor dos Lusíadas! Ainda há pouco, no Centenário de Antero do Quental, quem se lembrou de colocar qualquer organismo do Estado à frente das celebrações?

—Mas não lhe parece que era tempo de mudar de rumo? Acha mal que o Governo se interesse, bem directamente, por este Centenário de Eça?

—Não acho nada. Mas medite um

instante: Eça é o autor de O Crime do Padre Amaro e de O Primo Basílio...

—Mas é também o autor de... —Bem sei: de Os Malas e de A Relíquia

—E é também de A Ilustre Casa de Ramallos e de A Cidade e as Serras...

—Pois eu afirmo-lhe que não só A Ilustre Casa, mas até mesmo A Cidade e as Serras (que é raro não encontrar na «corbellle» das noivas) estão repassados do mesmo espírito crítico, lançadas das mesmas ligeirizas que destacam caracteristicamente o escritor. Não há dois Eças: há apenas um. Rapidamente corro à conclusão: nenhum outro homem de letras tivemos que fosse mais impróprio para consagrar-se oficialmente: foi toda a vida, em arte, em moral, em política—um inconfornista. E cada uma das suas obras—repto, todas as suas obras sem excepção, mesmo as Vidas de Santos—são de propaganda subversiva.

—Dir-se-ia que não admira Eça de Queiroz...

—Admiro—mas é por minha conta particular!

—Então o Estado...

—O Estado não tem nada com o escritor Eça de Queiroz; se quiser intrometer-se no Centenário comemore, quando muito, o consul Eça de Queiroz... Pois suponha que o Estado, entendendo o contrário, organizava um cortejo em sua honra e à sua frente levava a estátua do largo Barão de Quintela. O que se dizia! Pois aquela estátua é o verdadeiro Eça, que nunca fez outra coisa digna de menção do que olhar, destumbrado, para a Verdade—em sua esplêndida nudez—sem lhe importar mais coisa alguma. Conვენçamo-nos: Eça é um grande Artista; e não é,

nem quis ser, mais nada. A posição do Estado perante elle—por ora, pelo menos, concedam—é a mesma da Academia, a Jesus, quando elle lhe appareceu com A Relíquia; poderiam não o prender, mesmo não o demittir de Consol, mas como haviam de premiá-lo?

Fêz um silêncio, depois continuou: —E não há outro Eça; nunca houve outro Eça; cretem o contrário! Mas porque não lêem a sua Obra—toda a sua Obra? O Estado promovendo o Centenário de Eça de Queiroz! Mas estão doidos, doidos varridos...

—Alô! assim—ponderámos—há ideias aproveitáveis, há-de confessar.

Lopes de Oliveira pôs-se a rir, e replicou:

—E pena que a reconstituição do «Passelo Público não vá por diante; as árvores tinham de vir dos cenários de Hollywood, e estão ainda muito caros os fretes... Mas aquela da edição popular de todos os seus livros, e com illustrações por concursos, é magnífica. Lá isso é—inconscientemente.

Via-se bem que não se podia ir mais longe; e por isso, mudando de assunto, perguntei:

—Publicará mais algum livro sobre Eça?

—Espero que sim: ainda um segundo, no mesmo género do primeiro; depois, um terceiro, propriamente crítico—síntese da sua vida e da sua obra.

—E concorrerá ao prémio do Primeiro de Janeiro?

—Não, não; os prémios quem os dá é o Público. Não desejo outros...

Se os prémios dados pelo Público são, de facto, os verdadeiros prémios, nunca elles faltaram a Lopes de Oliveira!

UMA CELEBRIDADE MUNDIAL

GUILHERMINA SUGGIA

UMA ENTREVISTA COM A GENIAL VIOLONCELISTA

POR MANUEL MARTINHO

São Carlos está repleto. Não há um lugar vago, mesmo nas «torrinas» — e cá fora houve ofertas valiosas por bilhetes, esgotados, mal se anunciou o programa. O glorioso teatro, rebrilhado de luzes, oferece, fiedricamente, um cenário magnífico — onde, em espirais, a espuma dos lustres de cristais reverbera nas casacas negras, solenes, e nas costas nuas e elegantes, fascinando de pedrarias.

Vai tocar Guilhermina Suggia! Há, por consequência, aquela expectativa de emoção para ouvir a genial intérprete do violoncelo, que tem colhido, nas maiores platéias do mundo, as vibrantes ovações de indescrevível entusiasmo.

O Círculo de Cultura Musical, que tão desveladamente tem trabalhado pela música entre nós, trazendo ao nosso convívio espiritual as maiores celebridades mundiais — e que, com

arrôjo, tem proporcionado deslocções de artistas a péso de ouro, bem se pode considerar o artefice virtuoso deste «melhor nível cultural» que, por sua manutença, se vem acentuando nos últimos anos em Portugal.

Por isso, não admira que as temporadas daquele Círculo alcancem sempre, um êxito retumbante — e marquem, como acontecimento na vida artística portuguesa.

Guilhermina Suggia é mestre Viana da Mota sio, até agora, os únicos artistas nacionais que o Círculo tem contratado para os seus concertos. E não admira que assim seja. É preciso, de facto, dar a justa medida dos valores. Aos concertos daquele organismo só se admiem celebridades, «virtuosos» que, de salão em salão, em capitais de espírito, marcam onde a música tem a sua expressão de beleza, num pedestal de glória — e



Viana da Mota e Suggia ultrapassaram, há muito, as fronteiras de Portugal para serem admirados no mundo inteiro.

A famosa violoncelista é natural do Porto — onde vive, isolada, entregue aos seus sonhos de artista e às longas meditações de estudo, numa casa linda, que é um museu.

Aos sete anos já causava assombro a arte daquela adolescente, que, ensinada pelo pai, caminhava, no assomo da meninice, pronta a conquistar a celebridade. Em Leipzig, com o extraordinário mestre Julius Klengel, aperfeiçoou a sua técnica — e aí revelou tão altos e inspirados momentos que aos dezasseis anos, nos concertos de Gewandhaus, dirigidos pelo grande Artur Nikisch, foi ovacionada apoteoticamente.

Depois foi uma ascensão de glória. As portas dos maiores salões do mundo abriram-se-lhe.

Em Inglaterra, onde viveu alguns anos, o seu nome é festejadíssimo. De facto, Suggia alcançou, no violoncelo, a mais bela expressão da Arte. Dir-se-ia que um mundo novo se abre diante de nós.

É o sonho, correndo vestido de luar, é a alma que se desbrêça à espera de encontrar, na música, a imagem da Beleza.

Fizemo-nos anunciar. Guilhermina Suggia está lá em cima, no 161, do Avenida Palace. Queremos fazer-lhe três perguntas breves — que a consagrada artista não pode perder tempo, nem gosta, aliás, das entrevistas.

— D. Guilhermina Suggia manda subir ao salão do 1.º andar, e vem já... — diz-nos o «groom», de olhar esperto.

Esperamos cinco minutos. Fumamos.

E, daí a pouco, a flustre artista, sentada numa poltrona, diz-nos:

— Estou radiante com esta actividade do Círculo de Cultura Musical. Vamos, de facto, progredindo no

nosso nível cultural. Hoje, Lisboa, Porto e Braga já fazem os seus concertos.

— Nesse caso...

— Sim, acho progresso. Nós temos valores. Os portugueses são, essencialmente, inteligentes. Nunca fazem má figura. O que verifico, porém, é que, muitas vezes, confiam demasiado nessas qualidades natas — e não estudam. É preciso muita persistência, continuidade, apego ao estudo.

E sem nos deixar interromper, Suggia, com vivacidade, prosegue:

— Eu estudei muito — e vivo, em parte, só para isso. A arte é uma religião. É preciso servir-la com firmeza, isenção — verdadeiro sacrifício de sacrifícios. Só assim nasce o artista — de contrário ficar-se-á eternamente tocador.

E depois dum pausa:

— O músico não precisa só de ser músico. Tem que ser ecletico na sua cultura. Como artista deve amar as outras artes, irmãs da sua, e que, no todo, formam a cúpula deste belo templo da Beleza.

— É o caso de V. Ex. — atalhamos.

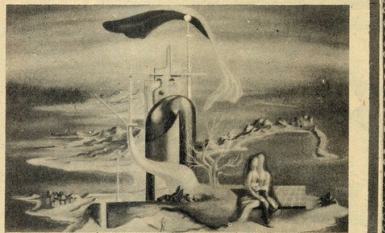
— Naturalmente. Eu vivo para o meu violoncelo — mas adoro as decorações do lar, que estudei em Londres, os requintes que existem nos interiores, amo as flores, que cultivo na minha quinta — e não me esqueço do desporto, guiando os meus carros por essas estradas do Porto... Faço, todavia, uma vida isolada. O artista, também, não se deve tornar vulgar. Eis a razão porque não vou a muitos concertos para que me convidam.

E depois de nos falar de alguns esperançosos artistas e de algumas lições que vai dar a bolsistas do Instituto de Alta Cultura, Suggia, que já olha o relógio, acaba por nos despedir com estas palavras:

— Na Primavera vou dar uma série de concertos a Londres, Poia, acredite, chegando ao Porto vou começar a estudar...

E aqui está a genial artista nunca se esqueça de estudar!

CÂNDIDO EXPÔS NO S. N. I.



«Intervenção da Arquitectura.»

CÂNDIDO é um dos mais expressivos temperamentos da moderna geração. Artista moderno, na plena acepção da palavra, acaba de triunfar no S. N. I., com uma exposição onde provou, exuberantemente, quanto pode fazer. Inserimos aqui dots curiosos trabalhos de Cândido — e esperamos vê-lo, dentro em breve, com a posição merecida a que tem jus o seu belo talento.

A Cândido, que foi dos nossos primeiros colaboradores e que sempre valorizou a nossa revista com o seu lépis privilegiado, endereçamos as nossas mais vivas felicitações pelo seu belo êxito.

«EX voto»

★ ZULOAGA ★



ESTE RETRATO DE ORTEGA FOI PINTADO POR ZULOAGA

COM a idade de 75 anos faleceu em Madrid o pintor Inácio Zuloaga.

Pelo costume desta justiça do homem ocidental, glorificando o artista sómente depois da sua morte, pensei por algum tempo que Zuloaga não era dos vivos.

Tinha, então, em minha casa uma illustração de remotos tempos, «La Estera» de 27 de Abril de 1918...

— lembro-me por ser esse o dia dos meus cinco anos... — onde se lia a consagração de Zuloaga em Paris e falava-se duma grande exposição e homenagem em Madrid.

Também não esqueço que já Azorin ainda mais cedo, em 1913, publicava o primeiro ensaio sobre a pintura de Zuloaga.

De forma que, ao sabê-lo sem decadência — os grandes mestres não têm decadência — vivendo e pintando em Espanha em sua casa-studio do «país» vasco, resolvi descer, há precisamente um mês, na pequena estação de Zumalá, entre Bilbao e San Sebastian.

Minutos depois batia ao portão da «finca» de D. Inácio... Entrei numa sala... Um criado foi avisar o Mestre. Não aproveitei, confesso, este intervalo, como é de bom uso, anotando aquêle ambiente de quadros, de esculturas, de móveis... Nada... Esperava de pé olhando a porta onde deveria aparecer o gigante vasco, como espera um condenado a greve voz do juiz.

Mais tarde, ao escrever estas notas difficilmente me lembrava das primeiras frases. Avolumava-se, antes, a minha impressão visual, plástica, do camponês que move pinças com uma genial brutalidade.

— É então português?... — disse-me a certa altura...

Sentamo-nos e não esperando qual quer pergunta, começou a falar.

— Va a Paris... Deve ir a Paris.

— Sabe? Acompanhei Rodin em Espanha!

Interrompi rápido:

— E que mais gostou Rodin?

— O torso graco de mulher do Museu do Prado.

— E de Berruguete?

— Não muito. Interessou-lhe em Berruguete a influencia de Miguel Angelo.

E acrescentou:

— Como também não se entusiasmou com Greco... Conhece os meus Greco?... Vai vê-los.

E D. Inácio levanta-se. Estamos diante dum retrato. Pergúntei-lhe:

— Muito se tem escrito sobre os seus quadros... Dos tratadistas e criticos da sua obra, qual terá sentido melhor os seus trabalhos, Mestre?

— Não sei! — exclamou depressa. —

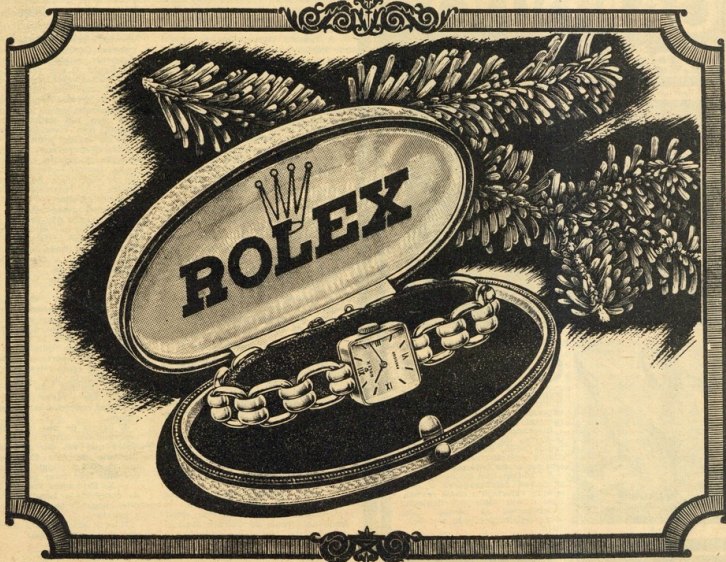
Não leio o que se escreve a meu respeito... Eu trabalho... Mas os bem sei pintar assim... Cada um deve seguir o seu caminho...

— Então — exclamei — deve o artista fechar-se ao intercâmbio de idéias da nossa época? Suponhamos um pintor sem conhecimento do meio actual. A sua obra será, sem dúvida, inferior.

— Melhor — rugiu Zuloaga. — Será melhor... Este é o meu conselho... Siga o seu caminho... Não se lembre de ninguém.

Volto a conversar de Rodin, de Bourdelle, da Escola de Paris.

(Continua na página 16)



O MARECHAL MANNERHEIM,
PRESIDENTE DA FINLÂNDIA,
CHEGOU HÁ DIAS A LISBOA,
ONDE VEIO REPOUSAR ALGUM
TEMPO.



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA EMENDA, 69 2.º - LISBOA - TELEFONE 25844
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), LTD.
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27